

DOSSIÊ: ESTUDOS LINGUÍSTICOS: ANÁLISE LINGUÍSTICA NO BRASIL

“[...] o mecanismo linguístico gira todo ele sobre identidades e diferenças, não sendo estas mais que a contraparte daquelas” (SAUSSURE, 1975, p. 126).

O presente volume da **Revista de Letras, v. 21, n. 32, mar. 2019, “Dossiê: Estudos Linguísticos – Análise Linguística no Brasil”**, organizados pelos professores Doutorando Gustavo da Silva Andrade (UNESP/IBILCE), Doutora Alice Atsuko Matsuda (UTFPR-Curitiba/PPGEL) e Mestrando Alex Junior dos Santos Nardelli (UNESP), congrega uma série de artigos sobre as várias correntes dos estudos linguísticos. É uma forma de agrupar recortes temáticos, teóricos e metodológicos em diálogo, a fim de um objeto comum e caro a todas as linhas de análise: descrever os fenômenos linguísticos.

Revisitando os estudos da Escola Linguística de Praga, concebemos a língua como um sistema de expressões apropriada a um propósito: a função da língua é, portanto, o papel desempenhado por ela no processo comunicativo. Assim, Mathesius (1923) concebe a comunicação como a função externa da linguagem: comunicar é o aspecto fundamental da linguagem. A análise linguística, portanto, parte sempre da comunicação (fruto da interação social) para a sua descrição.

Cunha (2008) defende, assim, que a relação entre a estrutura gramatical das línguas e seus diferentes contextos comunicativos de uso é o aspecto fundamental de uma perspectiva de análise linguística contemporânea. Claramente, a língua, em seus vários contextos de uso, reflete os processos gerais de pensamento, elaborados pelos indivíduos na criação de significados. A língua adapta-se a diferentes situações, sujeitando-se à época, à cultura e a inclinações individuais.

Revisitando Castilho (2012), assumiremos uma impossibilidade de independência da Sintaxe das línguas. Não há um modelo de conhecimento linguísticos, mas, sim, de processamento verbal. A Pragmática e a Semântica, portanto, governam, juntas, a Sintaxe. O componente cognitivo humano é um espaço de redes e de inter-relações que constroem o significado; deixando de lado a visão de que a mente humana é um conglomerado de informações linguísticas de regras universais.

Dessa forma, preocupados com esses aspectos, a análise linguística contemporânea centra-se na descrição de línguas de diferentes perspectivas teóricas e pelo estudo do discurso e do texto em suas manifestações falada e escrita. Assim, tratamos de várias correntes: (i) descrição e análise funcional de línguas falada e escrita; (ii) estudos do texto e do discurso; (iii) oralidade e letramento; e, por fim, (iv) variação e mudança linguística.

Esses movimentos de análise, cada qual com seu recorte metodológico e temático, são faces de análise do objeto. Saussure (1975) já previa essa análise: o ponto de vista cria o objeto. À luz de concepções próprias, mas, de forma alguma, excludentes, cada corrente descreve um objeto comum (a língua em uso) a partir de um rico arcabouço teórico, que lhe é próprio.

É nesse sentido que foram selecionados os artigos que compõem o presente volume temático. O volume reuni pesquisas produzidas em diferentes níveis de formação (Graduados, Mestres, Mestrandos, Doutorandos e Doutores) e em diferentes Instituições de Pesquisa e de Ensino (PUC-SP; UECE; UFBA; UFJF; UNESP (IBILCE); UNESP (FCLAr); UNESPAR; UNIOESTE; UNIVERSIDADE DE COIMBRA; UTFPR).

No trabalho de Silva e Pacheco, intitulado *A configuração retórica da seção de introdução em artigos acadêmicos da área de educação física*, os autores discorrem sobre o gênero acadêmico, enfocando a forma como se dá estruturação das introduções e quais mecanismos linguísticos são utilizados no texto. Trata-se de estudo interdisciplinar que contribui para os estudos da linguagem com a leitura dos aspectos retóricos materializados em termos linguísticos específicos.

Wiedemer, no artigo *A correlação entre o processo de hesitação e o tipo textual: aspectos da fala do interior paulista*, considerando a Perspectiva Textual-Interativa (JUBRAN, 2006) dos estudos de interação fase a fase, investiga o funcionamento das hesitações na fala semi-espontânea, e a possibilidade de as hesitações apresentarem uma relação com tipos textuais

O trabalho *Fenômenos de topicalização: o caso do alçamento de constituintes no PB*, de Andrade, discute a relação entre a topicalização e o alçamento, considerando esse um fenômeno de ordenação motivado por aquele. Silva discute a noção de persuasão em artigos de opinião, à luz da linguística sistêmico-funcional, em seu artigo intitulado *Interação e persuasão em artigo de opinião de Carlos Heitor Cony: um enfoque sistêmico-funcional*.

Moreira trata no artigo *O tempo da maré: as metáforas conceptuais do tempo em unidades terminológicas da pesca* de uma análise cognitiva das metáforas de tempo a partir de experiências corpóreas de falantes de regiões de Baiacu, Vera Cruz e Bahia. O próprio título já revela uma materialização da metáfora de unidades terminológicas de pesca: o tempo da maré.

Ghessi trata dos padrões de concordância verbal à luz da teoria da variação linguística, proposta por Labov. Em seu artigo *Padrões variáveis de concordância verbal em redações escolares e a avaliação do professor uma análise sociolinguística*, a autora tratará da avaliação do professor a partir de textos formais, que implicam, segundo a noção mais estrita de língua, a um cenário mais controlado e de mais formalidade.

Nhatuve tratará do português de Maputo, maior cidade e também a capital de Moçambique, país lusófono e que, recentemente, sofreu um momento de emudecimento global frente a suas tragédias. Ao tratar do uso da consoante <r> e do dígrafo <lh>, o autor discorre sobre as tendências de marcação dos traços de vibrante e de aspirado, em seu artigo *Para a normatização do português de Moçambique: aspectos fonético-fonológicos da vibrante e da lateral no português oral de Maputo*.

Gomes volta à temática da variação linguística, com o artigo *Por que ensinar variação linguística nas aulas de língua portuguesa?* A autora discute à luz de documentos formais de ensino quais as concepções de ensino de língua, de gramática e da própria noção de variação.

O artigo *Sentenças hipotáticas adverbiais [para + VI_{NF}]: limites entre finalidade e causa*, de Steinhauer e de Steffler discute os limites entre a Hipotaxe das noções de finalidade e de causa, tão próximas. Para tanto, as autoras dispensam a noção de sobreposição semântica. Leitão da Silva e Cunha discutem a variação linguística e o ensino, a partir do apagamento do /R/ em contexto de final de sílaba, no artigo *Variação linguística: ocorrência de apagamento do fonema /R/ em final de sílaba*.

Por fim, na seção Resenha, Bertucci apresenta uma resenha intitulada *A linguística do século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem*. A resenha trata da obra conjunta de Aniela Improta França (estudiosa da Neurociência e professora da UFRJ), de Lilian Ferrari (expoente do Cognitivismo e professora da UFRJ) e de Marcus Maia (especialista em sintaxe e professor da UFRJ), publicada pela Contexto em 2016.

É preciso, antes de prosseguir a leituras, agradecermos aos pareceristas que se dedicaram às leituras atentas e aos comentários enriquecedores. O agradecimento é também extensivo aos colaboradores que auxiliaram na editoração do volume.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. T. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. (org.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42.

CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-174.

MATHESIUS, V. **Jazyk, kultura, a slovesnost**. Praga: Odeon, 1923.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

Os Organizadores:

Prof. Esp. Alex Junior dos Santos Nardelli (UNESP)

Profa. Dra. Alice Atsuko Matsuda (UTFPR-Curitiba/PPGEL)

Prof. Me. Gustavo da Silva Andrade (UNESP)